DISCURSO pronunciado pelo dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Presidente do Instituto do Ceará, na festa commemorativa do centenario do Jornalismo Cearense:

SENHORES.

Designado pela posição honrosa, a que me alçaram a gentileza e carinho dos illustres collegas deste Instituto, venho presidir ás homenagens, que elle resolveu prestar á introducção da imprensa periodica, ou melhor, do jornalismo, no Ceará.

Foi precisamente a um seculo que veio a publicidade—o "Diario do Governo do Ceará", sob a redacção do padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque e Mello Mororó, que a 9 de Janeiro do mesmo anno, com Belarmino de Arruda Camara, fizera a municipalidade de Quixeramobim adoptar a violenta resolução de banir Pedro I, acoimando-o de traidor, e declarando sua raça decaida do throno.

A governança da provincia estava então entregue a varias Juntas exaltadas, no Crato, Icó, Quixeramobim, Fortaleza e outros municipios, com o caracter francamente revolucionario. A 14 de Abril, a Camara da Capital, reunida

aos adversarios da Junta, influenciada pelo ouvidor José Marcelino de Brito, tentara depol-a, mas Filgueiras e Tristão, que acampavam com força armada em Arronches e Mecejana, frustaram esse golpe politico.

No dia seguinte chegava o presidente, nomeado pelo Imperador, Pedro José da Costa Barros, que, empossado a 18 do mesmo mez, officia a Filgueiras, nomeado por decreto imperial, para vir tomar conta do commando das armas.

Filgueiras, por medidas arbitrarias e violentas, acaba por exigir da Camara Municipal de Fortaleza, em 27 de Abril, a deposição do presidente, o qual, instado por uma deputação, que lhe fôra enviada, resigna o poder, protestando contra a violencia que se lhe fazia.

Tal era a situação governamental, a que o "Diario do Governo" vinha servir de vehiculo; a qual se pode resumir em poucas palavras: anarchia, arbitrio, omnipotencia da força, falta de segurança individual, ludibrio das leis.

O apparecimento deste orgão de um governo transitorio foi acontecimento de somenos importancia, cuja repercussão limitou-se ao ambito das Camaras revolucionarias.

Não se comprehendia ainda que a "publicidade fosse, como ensinava Royer Collard, o doutrinador constitucionalista da Restauração bourbonica, uma especie de resistencia aos poderes estabelecidos, por lhes denunciar os desvios, os erros, e ser capaz de dar ganho de causa contra elles, fazendo triumphar a verdade e a justiça". Ao contrario, parece que os dirigentes, governantes, tinham em pouca conta a imprensa, persuadidos, como Cromwell, de que "si o seu governo havia de manter-se, nada devia recear dos tiros de papel" If my governement is made to stand, it has nothing to fear from Paper Shot".

Um facto de serias consequencias demonstra a incomprehensão da liberdade de imprensa, proclamada pelo Decreto de 22 de Novembro de 1823, no Brasil. Refiro-me ao desacato soffrido pelo redactor do periodico "Sentinella", David Pamplona, no Rio de Janeiro, em 5 de Novembro de 1823, e a consequente dissolução da Constituinte, sete dias depois, tendo a sua frente o Imperador,

commandante da força que cercara a assembléa e deportara os tres Andradas, os deputados Rochas, o padre Belchior Montezuma—Pedro I esposara o partido dos officiaes, que desacataram aquelle redactor, ao extremo de dar um golpe de Estado, porque a Constituinte tomara conhecimento de tão insolicito attentado á imprensa.

Na Côrte como se vê, não era acolhido attenciosamente o jornalismo. "O Tamoyo" e o "Correio", de João Soares Lisboa, foram denunciados por abuso de liberdade de imprensa, por fazerem opposição aos Andradas, em 1823.

A verdade, que tranluz dos factos, é que a sociedade brasileira não havia evoluido para adaptação de um regimen inteiramente contrario ao dominante até então.

Na ordem moral, como no evolver-se physico, a natureza não procede por saltos, tumultuariamente; segue marcha cadenciada, uniforme e segura, sempre presa por elos que a ligam ao passado e lhe asseguram a continuidade para adiante.

A imprensa livre, expressão das idéas, sentimentos e aspirações de uma epoca "o palladium de todos os direitos civis, politicos e religiosos (the palladium of all the civil, political and religious rights)" qual a appelidava o celebre publicista inglez Junius, requer ambiente social saturado de principios e praticas legalistas. Quando, por capricho singular, emerge em meio differente — ou não echôa na alma popular, nem mesmo na opinião publica mediana, e rapido estiola-se na sua haste e pende emmurchecida no proprio seio que lhe déra nascimento—ou é menosprezada, comprimida, abafada, e alfim violentada desde os primeiros vagidos pelos poderosos que temem a publicidade.

Quando surgiu o "Diario do Governo do Ceará", a classe dominante carecia de luzes, de espirito civico, da comprehensão do regimen liberal, que lhe fôra outorgado. O estado dos espiritos era o de agitação, expectativa de novidades. Os raros parciaes da revolução de 1817, soltos na Bahia, e de volta ao Crato, então o nucleo mais populoso e rico da provincia, propalavam idéas reformadoras que, mal comprehendidas, formaram correntes differentes e

até contradictorias. Personagens de relevo desejavam com o partido portuguez a recolonisação do Brasil, decretada pelas Cortes de Lisboa, taes como—Rubim, o ouvidor Porbem Barbosa, e etc; outros, com Leandro Bezerra e o proprio Filgueiras, até poucos mezes antes, almejavam a volta da monarchia absoluta; a maiória; timida e menos preponderante, desejava a continuação da monarchia com o imperador; raros a independencia com a republica. Não havia cohesão partidaria, nem convicções firmes. Alencar, que deitara luminarias na noite da dissolução da Constituinte, tornara-se logo após um dos mais vehementes instigadores do movimento revolucionario, sob o pretexto da inconstitucionalidade daquella dissolução.

Raros eram então os que sabiam ler e possuiam noções do governo representativo. A vida local, que fôra por mais de dois seculos relativamente actuada, movida ou guiada por instituições representativas, por systema electivo original, na metropole e quiçá mais amplo na colonia, pela difficuldade da fiscalização em tão vasto territorio, esmorecera desde o fim do seculo 17 para succumbir no reinado de d. José I sob a clava do marquez de Pombal e de D. Maria, a louca.

A' medida que a população se condensava, especialmente na região littoranea, em povoados, villas e cidades, mais se estreitava o arrouxo do governo absoluto, afogando quesquer aspirações de liberalismo, que porventura surgissem na mente dos parochos, ouvidores ou mestres de latinidade, quasi exclusivos depositarios dos minguados conhecimentos literarios de antanho. Mesmo os que perlustraram os velhos codices de leis ou as letras classicas, mal conheciam, atravez dos escriptores romanos, a organização politica, legada por coevas instituições. Os mais illustrados haviam haurido em Tito Livio ou Cicero a rhetorica fluente e palavrosa com que moralisavam as formas do governo, uma vez que lhes escapava a essencia, o fundo, a cellula vital da propria organização politica daquelle povo.

Quando se lê Vieira, Lucena, Manoel Bernardes, Amador Arraes e em geral os prosadores e poetas seis-

centistas, comprehende-se que no amago de suas producções, na amplificação de sua sciencia, só ha a lição dos historiadores, poetas e moralistas da epoca imperial, particularmente de Augusto Octav ano. Os mais eruditos citavam e se apraziam nos logares communs de Seneca, nas maximas de Marco Aurelio, nas narrações de Tito Livio ou nos tratados de Cicero; os mais severos enunciavam a medo reflexões de Tacito.

Com esses precedentes, mais prementes e dominantes na formação dos proceres da nossa Independencia, facil se divisa que aquella quadra não era de sazão para germinar a semente da publicidade, lançada pela imprensa local.

Faltava-lhe quasi tudo para florescer. Não podia ser mais maninho o solo em que ella fôra plantada, cuja synthese pode se expressar na ignorancia geral, eivada do absolutismo transmittido atavicamente por dilatadas gerações, escolletrado, imbuido de classissismo romano, no qual disputavam messes o servilismo baixo e os sentimentos de abjecção, deprimente da liberdade individual, carencia de unidade nas rasteiras aspirações do vulgo ignaro.

O espirito revolucionario, que ha 15 annos vinha convulcionando as colonias hispano-americanas, echoava debilmente no nosso meio cultural, apenas informado pelo "Correio Brasiliense" impresso em Londres.

Com que possibilidades acolher o appello do clarim longinquo de jornalistas, educados nessa escola, a atroarem monotonamente o advento das liberdades politicas, de que elles tinham pallida noticia sem lhes addicionarem factos concretos, que as tornassem comprehensivas, não direi á turba multa, sempre embalada pela sonoridade dos palavrões brilhantes e enthusiastas, açuladores de paixões egoisticas, de desejos vagos, mas da mediania medrosa, timida, hesitante, muita vez soffredora, despida de iniciativa e desafeita a innovações abstractas?

Como actuar no intimo dessas almas simplistas, penetrar-lhes o pensamento, amalgamar alguma cousa de solido, positivo no seu sensorio, inspirar, fortalecer, corporificar um desejo, uma aspiração de melhora politica, a transição de

uma existencia premida por agentes caprichosos do poder para um regimen desconhecido, indefinido, abstracto, senão incomprehensivel para ellas?

A sabedoria empirica actual, como a de então, acceita e procede de accordo com o proloquio com o qual Sancho Pansa procurava deter os surtos cavalherescos de D. Quixote—de ser preferivel ter uma ave na mão do que duas a voar.

A grande maioria, senão totalidade dos cearenses, direi melhor, dos brasileiros de 1824 preferia conservar o estado de coisas existentes, embora gravoso, a disputar as aventuras preconizadas e promettida pelos jornalistas improvisados, da occasião.

Eis porque a imprensa temporã não logrou a adhesão consciente, espontanea e sincera da classe operosa, que começara a elaborar a riqueza nacional.

"O Diario do Governo" nascera carecido das condicções vitaes que a circulação das aspirações e necessidades populares imprimem ao organismo social, alimentando e robustecendo-lhe o cerebro e o coração, isto é os principios e praticas, que devem primar na existencia politica de um povo livre.

Foi um meteoro fugaz, que mal deslumbrou a multidão indifferente e pasma, atravessando uma atmosphera prenhe de nuvens tempestuosas, sem quasi deixar, ao engolpar-se no passado, a lembrança de sua trajectoria.

O Instituto, ao soprar o pó que cobre os coevos documentos de nossa chronica, acertou em relembrar-lhe a memoria.

Cumprimos o nosso dever de pesquizadores. Outros dirão se fomos bem avisados.

Tenho dito.